

## 10 ANOS DE LOUCURA SUBURBANA: CIDADE E LOUCURA COMO ENREDO PARA O CARNAVAL CARIOCA

Abel Luiz Oliveira da Silva Machado<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta como práticas envolvidas e desenvolvidas no e pelo Bloco Carnavalesco Loucura Suburbana, localizado no Engenho de Dentro, bairro suburbano pertencente à zona norte da cidade do Rio de Janeiro, têm influenciado sócio-politicamente as formas de lidar atuar e pensar o território, unindo cultura popular, políticas públicas e saúde mental na construção de um cotidiano solidário, re-significando loucos e a loucura, desfazendo, assim, estigmas, preconceitos e opressões culturalmente herdadas e rediscutindo a participação e contribuição sócio-cultural destes enquanto cidadãos.

**Palavras-chave:** Cultura popular – território – cotidiano – saúde mental

*“São dez anos de Loucura  
Essa é minha inspiração  
Tô chegando na avenida  
Vejam que transformação”  
(Isso é tudo em que acredito –  
Marta Macedo / Abel Luiz /  
Flávia Cris )*

Esses belos e singelos versos contam muito mais do que é possível e “real” no cotidiano solidário da cidade do Rio de Janeiro. Revelam a possibilidade viva e pulsante de horizontalização das relações na grande metrópole carioca através do carnaval.

Bom, voltando aos versos acima, neles tem-se uma breve cartografia do que é e representa o Bloco Carnavalesco Loucura Suburbana, pois, como autores estes contam com uma psiquiatra – Marta Macedo, coordenadora do CAPS Clarice Lispector, localizado no parque imobiliário do Instituto Municipal Nise da Silveira (IMNS) -; um músico - Abel Luiz (autor deste artigo), morador do bairro Engenho de Dentro, zona norte da cidade, e, conseqüentemente, vizinho deste CAPS -; e uma cliente de outro CAPS, o Torquato Neto, também localizado na zona norte da cidade, no bairro Maria da

---

<sup>1</sup> Graduado em Geografia (Licenciatura) pela UNISUAM  
Email: Abel\_cavaco@hotmail.com



Graça - Flávia Cris. Minimamente, em pequena escala, encontra-se nas entrelinhas desses versos questões importantes envolvendo cultura, cidade, sociedade e cotidiano mediante lutas e conquistas rumo à reforma psiquiátrica.

Nessa perspectiva se insere o Bloco Loucura Suburbana – carinhosamente chamado de Loucura – que, dez anos atrás, partindo de uma iniciativa do corpo de funcionários do IMNS, antigo Hospital Pedro II – iniciou uma forma de fazer e pensar o carnaval, com a participação conjunta de clientes com transtornos psíquicos, funcionários, voluntários de bairros vizinhos e comunidade local.

Pouco a pouco, o Loucura vem ganhando muito mais do que as ruas do Engenho de Dentro, conquistando o apoio de pessoas e de diferentes setores da sociedade civil: artistas, políticos, profissionais da saúde e de outras áreas do saber, acadêmicos e comerciantes locais. Estes, juntos, além de legitimarem as ações do bloco, aumentam consideravelmente a amplitude territorial dessas ações, algo que pode ser visto claramente frente ao aumento do número de participantes, tanto nos períodos de pré-produção, produção e pós-produção, quanto no acontecer do desfile.

Assim, através do Loucura, a cidade do Rio de Janeiro vem adquirindo uma nova forma de pensar o carnaval como acontecer solidário no qual o louco e a loucura conquistam novos significados, humanos e artísticos, redefinindo laços sociais, políticos e culturais que promovem um diálogo constante entre a sociedade civil, que desmistifica sua impressão sobre o hospital psiquiátrico (tudo e todos que o envolvem) ao frequentá-lo e ocupá-lo com novo sentido, e os clientes que, mediante a “exterioridade” de suas ações, passam a ter uma relação menos estigmatizante com os vizinhos e arredores do “além-hospital”, onde “a exposição à diferença transforma-se em fator decisivo para uma convivência feliz, fazendo secar as raízes urbanas do medo” (BAUMAN, p. 71. 2009)

Para melhor expor tal conjuntura e territorialidade das ações de cultura e saúde mental serão retirados exemplos, a partir da publicação do livreto que contém os sambas que concorreram neste ano 2010 (Anexo 1), para representar o bloco durante o desfile nos seguintes temas:

- 1- Integrantes
- 2- Compositores
- 3- Júri
- 4- Conteúdo artístico

## 5- Apoio

### 1- Integrantes

*“Vamos transformar o dia-a-dia  
Esquecendo a utopia  
Nesse enredo popular”  
(Metamorfose - Júlio / Luiz  
Faixa  
/ Marcelinho do Méier  
/ Roberto)*

Para que haja um “acontecer” enquanto bloco, o Loucura conta com uma equipe de diversas origens e profissões. As ações da equipe vão incluir atores e fatores internos e externos ao hospital, integrando-os e multiplicando-os através da organização dos eventos que terão como culminância o desfile como divulgação (interna e externa), escolha do samba, ensaios, etc.

No caso do Loucura, a equipe tem a seguinte estrutura: coordenação musical; bateria; intérpretes; Mestre-sala e Porta-bandeira; produção; e, por fim, oficinas (composição / ateliê de fantasias adereços e moda / percussão). Sendo tais componentes apresentados da seguinte forma no livreto:

“Moradores do engenho de Dentro e adjacências clientes, familiares e funcionários do Instituto Municipal Nise da Silveira, dos Centros de Atenção Psicossocial e das demais instituições da Cidade do Rio de Janeiro”

Apresentação, portanto, que denota, na organização do bloco, a perspectiva e a realização dos seus esforços no sentido da amplitude e impacto das suas ações territoriais envolvendo cultura e saúde mental.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> “A Visão e a Visão do Planejamento Estratégico foram definidas como:

Visão - “promover um impacto sustentável na relação social e pessoas com transtornos mentais, gerando mudanças culturais e a negação gradual do modelo manicomial excludente”.

Missão - “Qualificar a assistência em Saúde Mental e estabelecer a integração do I.M.N.S. com a comunidade da área do Engenho de Dentro, instaurando uma nova relação com a instituição, sua clientela e o território” (SCHMD e POSWOLSKI, 2007. p. 41)

## 2- Compositores

*“Acordei  
Pra vida real  
Dinheiro, drogas e desilusão  
Não é assim que é ternura  
Não é assim que é ternura  
Essa loucura não é minha,  
Mas é sua” (Mental-morfose  
Zé Alberto)*

A composição é um fator de grande visibilidade, pois através de seus artífices, os compositores podem encaminhar diversas reflexões sobre esta parte de produção musical do bloco.

Primeiramente, ao se questionar sobre quem são os compositores, têm-se a grata surpresa da descoberta e do aprendizado ao deparar-se com situações de clientes de internação, moradia interna ou externa, tutelados. Situações estas que têm muito mais a dizer sobre a complexidade e os avanços a respeito da forma como, sócio-politicamente, questões relativas à cultura<sup>3</sup> vêm sendo tratadas do que a forma simplista, generalista e estereotipada como a loucura é retratada, reforçada e multiplicada pelas grandes mídias de massa.

Posteriormente, depara-se com uma situação-chave em muitas composições – a parceria. Ou seja, além de músicas compostas somente por um indivíduo, encontram-se músicas compostas por dois ou mais indivíduos. Onde entre tais compositores encontram-se, também, além dos clientes, funcionários e moradores vizinhos ao I. M. N. S.

Outro fato que se faz presente é a origem. O ato de compor reúne geograficamente indivíduos de diferentes origens. Sejam elas em micro escala local: internação; moradia interna ou externa; tutelados, por exemplo. Seja em macro escala: clientes e funcionários de outros pontos (nós) da rede estadual e municipal de saúde

---

<sup>3</sup> “O conceito de cultura está intimamente ligado às expressões da autenticidade, da integridade e da liberdade. Ela é uma manifestação coletiva que reúne heranças do passado, modos de ser do presente e aspirações, isto é, o delineamento do futuro desejado. Por isso mesmo, tem de ser genuína, isto é, resultar de relações profundas dos homens com o meio, sendo por isso o grande cimento que defende as sociedades locais, regionais e nacionais contra as ameaças de deformação ou dissolução de que passam ser vítimas” (SANTOS, 2002, p.65)

mental; e moradores de outros pontos da cidade ou do Estado do Rio de Janeiro, revelando, assim, conseqüentemente, a partir dessa diversidade de origens geográficas, co-existências e inter-relações diretas e indiretas, objetivas e subjetivas, entre classes sociais distintas.

Juntando-se a todas essas circunstâncias apresentadas encontra-se a obra- a composição em si. Ou seja, o ponto de convergência onde e de onde essas múltiplas relações e inter-relações promovem uma resultante sobre e a partir do cotidiano<sup>4</sup>. Como aponta Anthony Seeger:

“Existe uma falsa impressão, criada em parte pela mídia, de que a música é somente som. No entanto, a música não é apenas som. Música é também (...) a intensão de fazer som, é a mobilização de grupos para fazer som, é a indústria de fabricação, distribuição e propaganda sobre a música. Música é muita coisa além do som.” (SEEGER, p. 20. 2008)

Cotidianos que, enquanto forma de pensar em si, no outro e na cidade, encontram através de competente exposição artístico-poético-musical uma forma de chegar a outros cotidianos. Cotidianos esses que causam, muitas vezes, mais surpresa pelas semelhanças do que pelas diferenças.

### **3- Júri:**

*“O meu sambe  
É assim!  
Sou loucura suburbana até o  
fim.” (Marcos Anderson)*

Pensar sobre os jurados de uma banca ou qualquer outra forma ou motivo de avaliação leva muitas vezes a pensar sobre o quanto os candidatos/avaliados devem estar preparados. Porque o júri, mais do que delimitar o nível de exigência e argüição,

---

<sup>4</sup> “o cotidiano é tomado aqui como constituindo um universo material e simbólico do qual participam todos os indivíduos, empresas, instituições e organizações, de diferentes maneiras e em diversos graus, partindo sempre de seu lugar de referência. O cotidiano é também, ao mesmo tempo, o resultado de todo conjunto de práticas concretas e virtuais que se dão num lugar específico, comportando certo ritmo de sucessão das ações, encadeadas por rupturas e repetições demarcadoras de múltiplas temporalidades (técnicas, naturais, políticas, normativas, globais, etc.).” (BALBIN, p.157, 2003)

legítima tanto quem e o que está sendo apresentado, como a quem ele representa. E dentro desse contexto coloca-se a seguinte questão: - que legitimação procura o bloco com a escolha de seu júri?

Segundo o panfleto, o júri conta com representantes da comunicação de massa, de gestores da política pública, de outros blocos carnavalescos da cidade, do comércio local, da academia (tanto no que se refere à música quanto à saúde mental) e, por fim, conta com a presença de um compositor popular com músicas reconhecidas nacional e internacionalmente.

Assim, conseqüentemente, tal júri para a escolha do samba para o desfile de 2010 diz muito sobre como o bloco procura se representar e informar sua identidade cultural. Identidade<sup>5</sup> esta em contínua construção ao longo de dez anos e que se consolida com apoio dos jurados que compõem a mesa há mais tempo, quanto com os novos jurados que se juntam ao bloco. Em outras palavras, é através do júri que o Loucura se legitima enquanto produtor de informação, comunicação, cultura e lazer, parte integrante e integrada das políticas públicas de saúde mental; bloco “carnavalesco” com suas ações reconhecidas por outros blocos da cidade ligados ou não a instituições relativas à saúde mental; reconhecido pelo comércio e pela vizinhança local que o apóiam; com vínculo e reconhecimento acadêmico referentes à produção e execução musical e a desenvolvimento práticas envolvendo cultura, saúde mental e território; e devidamente reconhecido na qualidade das obras apresentados por uma compositor de inúmeros sucessos nacionais e internacionais gravados por grandes nomes da música popular brasileira.

#### **4- Conteúdo artístico**

*“Sou Louco, mas quem não é?  
Tira o chapéu, vem ver quem é!  
Sou eu o samba, o samba na  
ponta do pé  
Viu, seu Zé Mané! (Sou Louco,  
mas quem*

---

<sup>5</sup> “Como insinua Claude Dubar, “a identidade nada mais é que o resultado – simultaneamente estável e provisório, individual e coletivo, objetivo e subjetivo, biográfico e estruturado – de diversos processos de socialização que ao mesmo tempo constroem os indivíduos e definem as instituições” (BAUMAN, p. 110. 2009)

Uma das questões importantes e que, apesar de historicamente comprovada, precisa ser enfatizada e desmistificada é a que diz respeito à qualidade artística do que é representado, ou melhor, de quem está sendo representado para que não se caia numa inconsciente discriminação positiva<sup>6</sup> para com os loucos, tornando irrelevante uma tomada de posição sobre o que está sendo produzido por eles e, conseqüentemente, não dando a devida atenção, assim como o devido suporte artístico, para sua produção. Pensando nisso, em 2007, a partir de uma demanda de clientes, funcionários e pessoas de outros cantos da cidade e do estado pelo ensino de música surge, no CAPS Clarice Lispector, a Oficina Livre de Música com o objetivo do ensino prático e teórico do ensino de música utilizando instrumentos populares de percussão e cordas, a composição e produção de um novo cotidiano neste CAPS<sup>7</sup> localizado no parque imobiliário do I.M.N.S., CAPS este, porém, que conta com coordenação e administração independente.

Vendo a qualidade das composições nos anos anteriores a oficina, o coordenador desta, propôs uma dedicação especial no período de pré-carnaval do bloco, pois percebeu que belíssimas músicas se perdiam devido a sua má execução, tornando, conseqüentemente, campeão algumas vezes não o melhor samba, mas o samba melhor executado. A partir daí a oficina tornou-se um lugar para se discutir e produzir composições, dando espaço para novas, antigas e diversas parcerias, tornando-se um ponto de convergência de indivíduos criadores, oriundos de diversas instituições localizadas no parque imobiliário do I.M.N.S., vizinhança e adjacências; assim como indivíduos de outras partes do Estado ligados ou não à rede de saúde mental.

---

<sup>6</sup> “Existem formas de discriminação positiva que consistem em fazer mais por aqueles que têm menos. O princípio destas práticas não é contestável na medida em que se trata de desdobrar esforços suplementares em favor de populações carentes de recursos a fim de integrá-las ao regime comum e ajudá-las a reencontrar este regime (...). Pode ser útil, e até mesmo indispensável, tomar como alvo as populações marcadas por uma diferença que para elas é uma desvantagem, visando reduzir ou anular esta diferença” (CASTEL, p. 13-14. 2008)

<sup>7</sup> “O CAPS é um dispositivo e o é em vários aspectos. Desde a sustentação-produção de um novo discurso sobre a loucura e a relação de uma dada cultura com isto, o que passa pela necessidade de passar pelo imaginário social, até seu lugar numa rede de saúde mental, mas, também, de saúde de forma mais geral, da educação, da assistência social, da cultura, fundamentalmente rede de relações com as instâncias da vida social. E, neste mesmo campo, a produção de intervenções culturais que o levem a ocupar um lugar de agente transformador, de reflexão e de difusão cultural. É este um dos pontos de maior investimento do CAPS hoje, a concretização de sua relação com o território para ações que ultrapassem o uso dos recursos do território. Ou seja, uma direção de consolidação afetiva da rede de relações que o constitui” (ARQUIVOS, 2007, pg 77)

Os resultados dessa prática logo tornaram-se evidentes, pois, desde 2007, compositores que frequentaram a oficina não só tem confirmado a sua presença nas finais, como conquistado o carnaval. Só no ano de 2010, de dezenove sambas inscritos, quatorze tiveram passagem pela oficina. Dos cinco sambas finalistas, dois passaram pela oficina, e um desses dois, Vem Brincar, de autoria de Sergio Sanches, um paciente da enfermaria do I.M.N.S., foi escolhido para representar o Loucura Suburbana.

Esse cuidado com a execução conta colaboração de músicos profissionais que junto com os clientes dão asas à imaginação e à realidade do que está sendo apresentado ao cotidiano da cidade. E diante de tais resultados e do envolvimento de diversos atores e setores sociais envolvidos neste processo, o bloco Loucura suburbana foi contemplado com dois financiamentos: um da ONG Brasil Foundation, e outro via Ministério da Cultura através do edital para Pontos de Cultura. Proporcionando, em 2010, o surgimento de mais duas novas oficinas, uma envolvendo percussão, e outra relativa a um ateliê para produção de fantasias e adereços.

Sendo assim, a preocupação com produção e a execução do conteúdo artístico que emerge do bloco tem se tornado peça chave para desestigmatização de quem faz, executa e/ou aprecia e se encanta com o carnaval ali produzido, pensado e criado. É a oportunidade de mostrar e provar que, no desfile, assim como em todo processo anterior e posterior que o envolve, há muito mais do que pessoas que são felizes porque pulam, cantam e dançam ao ouvirem uma música que os anime - algo que acontece como a grande maioria das pessoas que procuram diversão antes, durante e depois do carnaval.<sup>8</sup>

## 5- Apoio:

*“Vem viver em paz  
E ser feliz nesta folia  
Carnaval é emoção  
E de emoção  
Vou fazer o meu dia-a-dia”  
(Transformação – Luciano  
Soares Côrtes)*

---

<sup>8</sup> “Um antropólogo diria que música é um dos processos sociais através dos quais as pessoas criam e participam de relações sociais de diversos tipos. A música é, assim, um recurso social que, em certos momentos, vai ser utilizado junto a outros recursos sociais” (SEEGER, p 20. 2008)



Dando apoio ao bloco encontram-se diversos segmentos do alcance local do bloco, assim como uma respectiva troca de visibilidades, ou seja, uma rede intercomunicativa de ações locais que envolvem o bairro do Engenho de Dentro, local sede do bloco, e suas adjacências, que, apesar de estarem inter-relacionadas, possuem cada qual seu público freqüentador. Nesse sentido, os eventos do Loucura tornam-se agregadores enquanto ponto comum de encontro e de causas entre as diversas entidades e/ou instituições envolvidas no apoio ao bloco, onde:

“para agir, os homens não saem do mundo, mas, ao contrário, é dele que retiram as possibilidades, a serem realizadas nos lugares. Por, isso, mediante a sua realização concreta, os eventos são localmente solidários. É assim que a integração entre o universal e o individual ganha um novo conteúdo histórico em nosso mundo atual.” (SANTOS, 2008, pg.164)

O apoio ao bloco conta com, além do IMNS e do CAPS Clarice Lispector, dois comerciantes locais; o vereador local; o Museu Imagens do Inconsciente; o Núcleo Sindical Nise da Silveira; e a escola de samba local. Todos colaboram com os eventos do bloco disponibilizando equipamentos públicos para sua realização, desburocratizando-os; oferecendo seus estabelecimentos para sediar os eventos; registrando e documentando dos eventos; e ajudando em despesas como alimentação e compra de camisetas, por exemplo.

Os acontecimentos do bloco, portanto, tornam-se catalisadores de outros acontecimentos sociais, políticos e culturais - serviços oferecidos de forma gratuita a comunidade local que muitas vezes passaram, e ainda passam, despercebidos pela própria vizinhança. E é desse encontro de acontecimentos e suas respectivas inter-relações que o cotidiano solidário do subúrbio da zona norte da cidade se renova e reinventa como forma de ver-a-cidade em meio a arquitetura do medo<sup>9</sup> que ronda o e cerceia cada vez mais o espírito da cidade<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> “A arquitetura do medo e da intimidação espalha-se pelos espaços públicos das cidades, transformando-a sem cessar – embora furtivamente – em áreas extremamente vigiadas, dia e noite.” (BAUMAN, p. 63. 2009)

<sup>10</sup> “O espírito da cidade é formado pelo acúmulo de minúsculas interações cotidianas com o motorista do ônibus, outros passageiros, o jornalista, o garçom do café; das poucas palavras, dos cumprimentos, dos pequenos gestos que aplainam as arestas ásperas da vida urbana.” (BAUMAN, p. 88-89. 2009:)

## Conclusão

*“Não sou escravo da beleza  
É a beleza quem me fal  
Igual e diferente do demais”  
(Beleza Negra – Elizabeth  
Gomes /Abel Luiz)*

Lidar com setores e pessoas oprimidas, discriminadas e estigmatizadas cultural e socialmente não é uma tarefa fácil para os dias de hoje onde, como aponta Milton Santos, tem-se a velocidade como necessidade e a pressa como virtude (SANTOS, p.62. 2002). Refletir sobre como os indivíduos lidam consigo mesmos já é uma tarefa que demanda um tempo dito como “desnecessário” diante das urgências para a sobrevivência numa grande cidade como o Rio de Janeiro. A realidade de uma expectativa baseada nos ideais de uma sociedade de consumo afasta uns dos outros através do medo e da violência que suprimem e ocultam uma série de fazeres solidários e cidadãos em todas as partes da cidade graças aos grandes meios de comunicação de massa.

Para quem não possui acesso a bens econômicos, culturais, políticos e educacionais, torna-se cada vez mais difícil ter voz, deixar de ser representado para ter o poder de se representar. Muitos desapareceram e ainda podem desaparecer gritando verdades diante de uma população que não os ouve, ou pior, que não tem “tempo” para ouvir a si mesma.

Quantas palavras são tidas como sinônimos de tantas outras, mas que, no fundo, nem as são, apenas exercem uma atração que foi criada cultural e socialmente por classes dominantes. Por que lembrar a loucura como uma palavra que exprime, ou melhor, atrai a ameaça, o feio, o burro, o errado, o demoníaco, o perigoso quando se sabe que muitos grandes homens e mulheres considerados loucos, hoje, em diferentes esferas da sociedade, são imortalizados como gênios nas artes, nas ciências, nos direitos humanos. Quando se sabe que grandes violências físicas e psicológicas feitas a estas pessoas foram feitas por pessoas ditas como sãs.

Afinal, o normal é assistir a inúmeros escândalos políticos, violações dos direitos humanos e da constituição e não se abalar; o normal é ter de entrar para o mercado informal porque o Estado – em constante e crescente privatização - não dá

oportunidades de emprego para todos seus cidadãos, pelo contrário, os criminaliza; o normal é chorar vendo um filme sobre a realidade de um pobre favelado da Índia e ser incapaz de desejar bom dia para o vizinho do apartamento ao lado, de estender a mão a um mendigo e, ainda dizer abertamente que a culpa por todos os problemas e mazelas de grandes cidades como o Rio de Janeiro é das favelas e das pessoas que nelas moram.

Existem muitos que, além de loucos, são pobres, negros e favelados. O que uma sociedade historicamente racista, preconceituosa dominada por uma pequena classe dominante tem para oferecer a essas pessoas?

Apesar da grande adversidade, o movimento pela luta antimanicomial obteve grandes conquistas nesse sentido, oferecendo oportunidades e direitos aos loucos enquanto cidadãos, assim como novas formas de repensar a clínica psiquiátrica. Pessoas como a Dra. Nise da Silveira mostraram em sua obra e vida que outros significados podem ser atraídos pela palavra loucura como: afeto, carinho, alegria, criatividade, respeito, humanidade, vida. E é nesse sentido que no décimo ano do Bloco Carnavalesco Loucura Suburbana, assim como nos anos que virão, todos que já estão envolvidos e ainda irão se envolver tem como compromisso e objetivo re-significar culturalmente o louco e a loucura na sociedade através do carnaval como mostra a carta de agradecimento feita para os compositores participantes do concurso para a escolha do samba-enredo do ano de 2010. (Anexo 3)

### **Nota explicativa:**

As epígrafes utilizadas foram retiradas de músicas inscritas que concorreram para a escolha de samba do Bloco Loucura Suburbana no ano de 2010, com exceção da música Beleza Negra que, além de ter sido um dos sambas que concorreram no carnaval de 2009, cedeu a frase da qual este artigo se utiliza e que estampou a camiseta do Loucura Suburbana no desfile de 2010.

## **Bibliografia:**

- BALBIN, Ricardo Nunes. A Quinta Dimensão do Espaço Cotidiano e Práticas Sociais.  
In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de (org). Território brasileiro – usos e abusos. São Paulo. Ed. Territorial. 2003. P. 154 – 173
- BAUMAN, Zygmunt. A arte da vida. Ed. Jorge Zahar. 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. Confiança e medo na cidade. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 2009.
- CASTEL, Robert. *A discriminação negativa*. São Paulo, Vozes. 2008
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Lugar na Cidade: Conhecimento e Diálogo  
In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de (org). Território brasileiro – usos e abusos. São Paulo. Ed. Territorial. 2003. P. 118 – 129
- SANTOS, Milton. "Um Olhar Dissonante." In: O país distorcido. São Paulo. Ed. Publifolha. 2002. p. 61 – 64
- SANTOS, Milton. "Da Totalidade ao Lugar." São Paulo. Edusp. 2003
- SANTOS, Milton. A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo. EDUSP. 2008.
- SEEGER, Anthony. Etnomusicologia/ Antropologia da Música – disciplinas distintas?  
In: ARAÚJO, Samuel; PAZ, Gaspar; e CAMBRIA, Vincenzo. Rio de Janeiro. MAUAD Editora. 2008. P. 19 – 24

## **Revistas Científicas:**

- MACEDO, Marta; RECHTAND, Mauro; e MIRA, Karina. Pensando o cuidado dentro e fora – a criação do CAPS Clarice Lispector  
In: Arquivos Contemporâneos do Engenho de Dentro. Rio de Janeiro. Editora MS. 2007. P. 71 - 81
- SCHMID, Patrícia; e POSWOLSKI, Sonia. O Cuidado Informado: rede de um planejamento estratégico de desinstitucionalização.  
In: Arquivos Contemporâneos do Engenho de Dentro. Rio de Janeiro. Editora MS. 2007. P. 39 – 53

# Bloco Carnavalesco **LOUCURA SUBURBANA**

**INTEGRANTES**  
Moradores do Engenho de Dentro e adjacências, clientes, familiares e funcionários do Instituto Municipal Nise da Silveira, dos Centros de Atenção Psicossocial e demais instituições de saúde mental da Cidade do Rio de Janeiro.

## Sambas 2010

**Coordenação Musical**  
Abel Luiz e Raquel Siqueira

**Bateria**  
GRES Arranco do Engenho de Dentro

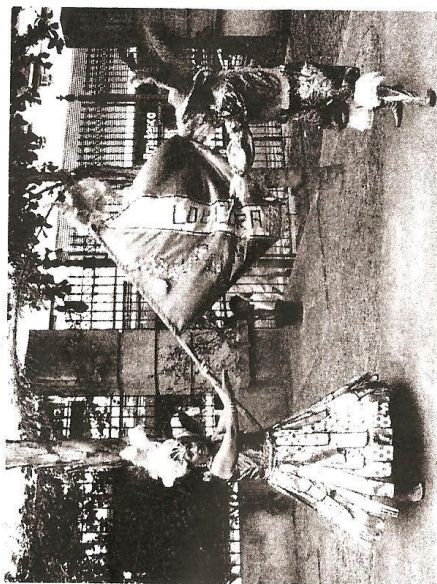
**Intérpretes**  
Binho e André Poesia

**Mestre e Sala e Porta Bandeira**  
Sidimar Marinho e Elisama Arnoud

**PRODUÇÃO**  
Ariadne Mendes, Fernando Braga, Fábio Ricardo, Gladys Schincariol, Marta Macedo, Raquel Siqueira, Lula Wanderley, Regina Peixoto, Elisama Arnoud, Julio Andrade, Nilda Marques, Graça Fernandes, Fernanda Lucena, Rossana Hildebrandt, Monica Cadei, Alexandra Montovani, Mônica Fadista, José Elias e Kleber Fernandes.

**Oficial Livre de Música**  
Abel Luiz  
**Ateliê de Fantasia, Aderços e Moda**

Leticia Carvalho  
**Oficina de Percussão**  
Luiz Augusto



## Desfile

5ª feira, dia 11 de fevereiro, às 16 horas

Concentração às 15 horas

## Bateria

GRES ARRANCO DO ENGENHO DE DENTRO

## JÚRI

**Luiz Carlos Magalhães** – Radialista

**Vitor Pordeus** – Núcleo de Cultura, Ciência e Saúde da SMS-DC

**Ratinho (Alcino Correia)** - Compositor

**Virginia Van Der Linden** – Maestrina – Integrante do MonoBloco e do Conjunto de Música Antiga da UFF

**Júlio César Almeida** - Presidente do GRES ARRANCO

**Neli de Almeida** - Coletivo Carnavalesco Tá Pirado, Pirando, Pirou

**Luiz Gama** - Bloco Carnavalesco Larga a Onça Alfredo

**Luciano Macedo** - Eu sou eu, Jacaré é um Bicho D'Água

**Paulo Amarante** - Músico – Integrante da Luta Antimanicomial – LAPS/FIOCRUZ

**Rogério Rougemont** - Músico – Bar Nossa Delli

**Fábio Paixão** - Compositor – Vencedor do Samba 2010 do Coletivo Carnavalesco Tá Pirado, Pirando, Pirou – CAPS Simão Bacamarte

## APOIO

INSTITUTO MUNICIPAL NISE DA SILVEIRA

CAPS CLARICE LISPECTOR

QUADRA DE ESPORTES SÓ NA BOLA

CENTRO SOCIAL SEBASTIÃO FERRAZ

GLADYS SCHINCARIOL

ANJA KESSLER

GRES ARRANCO DO ENGENHO DE DENTRO

NÚCLEO SINDICAL NISE DA SILVEIRA

BAR NOSSA DELLI



SECRETARIA DE CULTURA, PATRIMÔNIO E TURISMO



CAPS Clarice Lispector

## Anexo 2

### DEM BRINCAR

(Sérgio Sanches)

DEM BRINCAR IOIO... )  
DEM BRINCAR IAIA... ) BIS  
É O LOUCURA SUBURBANA )  
PEDINDO LICENÇA PRA PASSAR )

AQUI TODO MUNDO É BELEZA  
E A NOSSA ONDA É MEXER  
MEXE, MEXE MENININHA ) BIS  
MEXE QUE EU QUERO VER )

DE LAGARTO À BOLBOLETA )  
TODO MUNDO É BAMBA ) BIS  
A MENININHA SAI DA CRUSE )  
E ENTRA NO SAMBA )

## Anexo 3:

**BLOCO CARNAVALESKO LOUCURA SUBURBANA 2010**  
**10 ANOS DE FOLIA**  
**DE LAGARTA A BORBOLETA: SAINDO DA CRISE E ENTRANDO NA ALEGRIA**

**Que folia é essa?!**  
Que **abre os braços pra alegria** e **redescobre o sofrimento**  
Prova viva  
De **como foi bom quando surgiu o Loucura Suburbana**

Hoje, são **dez anos de alegria** e intensa **transformação**  
Canto, festa e dança  
- **Loucura Suburbana! Loucura de quem ama!** -  
Que **vem brincar num sorriso de criança**

Ih!!!  
Veio o **piri-paque**  
E **a evolução da psiquiatria** toma parte em **nosso tema atual**  
É a **loucura que faz voar**  
Da **metamorfose à mental-morfose**

**Sou louco, mas quem não é?**  
**Metamorfoseando** em mim  
Eu também sinto o carnaval  
**Isso é tudo em que acredito**  
Quando fazemos a **fissura no real**

O meu samba é assim:  
- **Sou Loucura Suburbana até o fim!!!**

*“Este é um singelo agradecimento a todos os compositores que, perante seus esforços, contribuem com suas belas obras no dia de hoje. Muito obrigado pela grade ajuda e pela generosidade de compartilhar as múltiplas, diversas e infindas formas de significar e re-significar o enredo de nossas vidas.”*

**Loucura Suburbana**

Rio de Janeiro 21 / 01 / 2010